

# Dialogismo generalizado e dialogismo revelado: o discurso citado como forma concreta de funcionamento dialógico do discurso

*The widespread dialogism and uncovered dialogism: the reported speech as a concrete operating dialogic speech*

João Batista Costa Gonçalves<sup>1</sup>

Rafaelle de Oliveira Vieira<sup>2</sup>

Elisiany Leite Lopes de Souza<sup>3</sup>

## Resumo

No presente artigo, pretendemos revisitar o conceito de dialogismo na perspectiva bakhtiniana para postularmos duas possibilidades de uso desta categoria: de um lado, o dialogismo que se generaliza na linguagem, o qual deve servir para uma visão interacional da linguagem, e não exatamente para fins práticos de análise (dialogismo generalizado); e, de outro lado, o dialogismo que se revela na linguagem por meio de indícios textuais e discursivos, vistos nos diferentes fios dialógicos presentes no texto (dialogismo revelado). Para mostrar esta segunda forma de dialogismo, tomamos como exemplo o discurso citado, a fim de analisar seu funcionamento dialógico em uma reportagem sobre a greve dos professores estaduais do Ceará.

**Palavras-chave:** Dialogismo generalizado; Dialogismo revelado; Discurso citado.

## Abstract

In this article, one aims to revisit the concept of dialogism in Bakhtin's perspective to postulate two possibilities of usage of this category: on one hand, the dialogism which generalizes the language, and also should fit into an interactional view of the language, and not exactly for practical purposes of analysis (generalized dialogism), and on the other hand, the dialogism which is revealed in the language through discursive and textual evidences, viewed in different dialogical clues in the text (revealed dialogism). To show this second form of dialogism, the reported speech was taken as an example, in order to analyze their dialogical functioning in a report about the teachers' strike, in the state of Ceará.

**Keywords:** Widespread dialogism; Uncovered dialogism; Rreported speech.

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

<sup>2</sup> Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

<sup>3</sup> Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Contato: jbcgon@ig.com.br

## Introdução

O postulado teórico de que existe um princípio dialógico que governa de forma generalizada a linguagem, pelo qual se destaca a ideia de que um discurso ou um texto mantém sempre relações com outros, sejam relações amistosas ou litigiosas, é uma tese inconteste nos estudos do discurso. Tal pressuposto ficou conhecido pelas reflexões do Círculo Bakhtiniano como dialogismo.

Pensando em termos de análise, esta tese bakhtiniana acima descrita cumpre a tarefa de servir como uma premissa básica inicial que orienta, de forma mais geral, o exercício analítico de textos e discursos. Assim, a fim de que o trabalho do analista não se restrinja a apenas corroborar o pressuposto básico do dialogismo generalizado como condição de existência da linguagem, sem apontar concretamente as relações dialógicas presentes no texto, e, portanto, se mostre contraproducente analiticamente, é possível também pensarmos, ainda apoiados nas ideias bakhtinianas, num dialogismo revelado, por meio do qual se podem perceber os fios dialógicos detectáveis na materialidade do enunciado, que vêm explicitados por elementos do domínio do linguístico, do textual e do discursivo, o que dá a uma análise dialógica do discurso contornos mais operacionais<sup>4</sup>.

Diante disso, é tarefa deste artigo (re)discutir o conceito de dialogismo bakhtiniano, examinando o seu papel para fins teóricos e e/ou aplicativos na análise de textos e discursos. Resolvemos, então, organizá-lo em quatro partes. Na primeira parte, discutimos como o dialogismo generalizado figura como

---

<sup>4</sup> Este gesto teórico de pensar a linguagem numa dimensão interacional e dialógica sob duas instâncias: a da que é da ordem da constituição geral da linguagem e a da que é da ordem do efetivamente mostrado nas malhas do enunciado – para o que estamos rotulando aqui, baseando-nos na teoria bakhtiniana, de *dialogismo generalizado* e *dialogismo revelado*, respectivamente - encontra em outras propostas teóricas, salvaguardadas as devidas diferenças, muitos pontos de interseção. Sem querer (e poder) para o momento desenvolver todos estes pontos de aproximação (e de distanciamento) dessas propostas com a proposta bakhtiniana, citamos apenas estas abordagens com o nome dos teóricos que as encabeçam, seguidas das respectivas denominações dadas ao fenômeno: Authier-Revuz (1990), heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada – marcada e não marcada; Maingueneau (2008), primado do interdiscurso e relações interdiscursivas; Fairclough (2008), intertextualidade constitutiva e intertextualidade manifesta; Genette (2010), transtextualidade e relações transtextuais; e Koch (2000), intertextualidade ampla e intertextualidade restrita.

um princípio da linguagem, servindo de base para o entendimento de que a constituição de todo e qualquer texto ou discurso é de natureza dialógica; na segunda parte, pretendemos mostrar que, além do dialogismo generalizado, que serve como fundamento teórico para análise, existe o dialogismo revelado, que deixa seus rastros na malha textual e discursiva e, dessa forma, possibilita ao analista maior operacionalização no tratamento prático com os textos; na terceira parte, centramo-nos na apresentação do discurso citado como uma das diversas formas de manifestação do dialogismo revelado no discurso; por fim, procuramos, para mostrar a função do dialogismo generalizado e revelado na análise de discursos, fazer um breve exercício analítico do discurso citado, em uma reportagem do portal GI sobre a greve dos professores da rede estadual do Ceará, destacando-se como este recurso pode ser uma forma concreta e explícita de o dialogismo revelado se apresentar.

## **1 Dialogismo como princípio de constituição da linguagem**

Não há como falar de dialogismo no campo da linguagem sem fazer referência ao pensamento do russo Mikhail Bakhtin e do seu Círculo de Estudos. Essa forma de pensar a linguagem numa perspectiva *dialogizante* situou-a no plano da alteridade, na interação com o outro, na tensão com o outro.

É importante destacar, entretanto, que as primeiras pesquisas sobre o diálogo datam de bem antes do surgimento do chamado Círculo Bakhtiniano. Um exemplo desta precedência é o trabalho de Lev Iakubinskii, que escreveu o ensaio “*O discurso dialógico*” em 1923, trabalho no qual o teórico iniciava os primeiros estudos, contemporâneos aos do Círculo de Bakhtin, acerca da enunciação. Para Cunha (2006), existe um nítido horizonte de pensamento comum entre as ideias de Bakhtin e do Círculo e as de Iakubinskii, autores que compartilhavam o marxismo como filosofia dominante em suas reflexões. Entretanto, os referidos autores não compactuavam a linha de pensamento marxista oficial da União Soviética, a qual Nicolai Marr, linguista que abordava questões de linguagem e sociedade, defendia. Para Marr, “as mudanças de linguagem não ocorrem gradualmente, mas aos saltos” (LÄHTEENMAKI, 2005, p.41). Além disso, o linguista oficial da União Soviética também defendia a tese de que, em uma sociedade capitalista, na qual existe a luta de classes, cada classe social possui uma língua, diferentemente do que ocorre em uma sociedade comunista, na qual a língua seria unificada, uma vez que não haveria diferença

de classes. Assim, no que diz respeito à teoria marrista, tanto Bakhtin quanto Iakubinskii discordam da ideia de que a variedade de línguas está diretamente relacionada ao número de classes sociais.

Sobral (2009) afirma que a relação entre as ideias pensadas pelo Círculo, que tinha como principais nomes Medviédev, Volochínov e Bakhtin, e as concepções sobre o diálogo propostas por Iakubinskii são estreitas. Para Sobral, as propostas do Círculo “contêm, de alguma maneira, elementos das propostas desse autor [Iakubinskii], transplantados e reapropriados nos diferentes contextos e empreendimentos em que viveu e se ocupou o Círculo” (SOBRAL, 2009, p.22-23). Contudo, podemos perceber uma diferença significativa entre o pensamento bakhtiniano e as ideias de Iakubinskii. Este tinha suas raízes essencialmente formalistas, em razão mesmo do vínculo que mantinha com o Formalismo Russo, amparando-se em um discurso de cunho ideológico “mecanicista, direto e sintomático do clima intelectual soviético da época” (LÄHTEENMAKI, 2005, p.55) para conceituar o fenômeno da linguagem por meio das diferenças linguísticas. Os membros do Círculo de Bakhtin, por sua vez, não priorizavam os mecanismos que subjazem à estratificação de uma língua, dando maior destaque às “várias manifestações da ideia do princípio de uma língua, unificada em sua metalinguagem, na filosofia da linguagem e estilística” (LÄHTEENMAKI, 2005, p.55).

Para Iakubinskii, no processo de interação, cujo objetivo é ser bilateral e dialógico, a réplica “é uma reação natural do indivíduo e a tendência natural para o diálogo conduz a uma interrupção constante dos monólogos” (CUNHA, 2006, p.105). É a partir desse pensamento que Iakubinskii irá propor como natural e comum do discurso a forma dialógica da linguagem, reflexão esta discutida no capítulo “naturalidade do diálogo e a artificialidade do monólogo”, de Rossitza Kyheng (2003), pesquisadora da Universidade de Paris responsável por apresentar Iakubinskii ao Ocidente, ainda de acordo com Cunha.

Cunha (2006) aponta outros pensadores que, antes dos estudos bakhtinianos, dedicaram sua pesquisa ao fenômeno do diálogo. Ela mostra que, em 1915, por exemplo, o linguista russo Stcherba concluía um estudo de campo sobre o dialeto de camponeses operários, os quais, segundo este autor, “não faziam uso do monólogo, só do diálogo, por uma questão de polidez” (CUNHA, 2006, p.105).

Ainda sobre o surgimento da forma dialógica de pensar a linguagem, Faraco (2010) comenta que, desde a virada linguística<sup>5</sup>, em 1925, o pensamento desenvolvido pelo Círculo segue em direção à concepção do diálogo como “uma grande metáfora que dará um arremate às reflexões do Círculo sobre a linguagem e sobre a criação ideológica como um todo, bem como sustentará as discussões futuras do próprio Bakhtin”. (FARACO, 2010, p.73). O autor mostra que, apesar da metáfora do diálogo estar presente nas origens das discussões bakhtinianas, os primeiros textos nos quais essa temática é tratada com destaque datam de 1929 e têm como autores Bakhtin, com *Problemas da poética de Dostoiévski*, e Volochínov, que assina a obra *Marxismo e filosofia da linguagem*<sup>6</sup>. Acerca das primeiras reflexões sobre o diálogo, Faraco ainda acrescenta que:

O que temos nesses primeiros textos dos inícios da década de 1920 é uma espécie de *metafísica da interação*, em que as relações um/outrem são ainda fundadas num jogo que passa pela visão (o olhar de fora e o excesso de visão são categorias centrais aqui) e não pela linguagem. A partir do texto *O discurso na vida e o discurso na poesia*, publicado por Volochínov em 1926, a linguagem entra em cena, seja em suas manifestações no cotidiano (na ‘vida’), seja na criação ideológica em sentido amplo; e a interação passa a ser assumida de modo claro como uma realidade fundamentalmente social e semiótica (FARACO, 2010, p. 73. Grifos do autor).

Fiorin (2006) assevera, nesta linha, que o conceito de dialogismo configura-se na verdade como o princípio unificador da obra de Bakhtin. Para o autor, o teórico russo examina o dialogismo sob diferentes focos e dedica sua

---

<sup>5</sup> O movimento linguístico-filosófico da chamada “virada linguística” caracteriza-se por proceder a um deslocamento da linguagem de um lugar marginal e descritivo da realidade para um lugar central na explicação dos fenômenos sociais. A partir dessa “virada”, a linguagem passa, pois, a ser vista como uma prática que produz os sujeitos e as realidades sociais, e estes, por sua vez, produzem-na. Segundo Faraco (2010), para Bakhtin e o Círculo, a partir de 1925, a questão da linguagem passou a ser central em suas reflexões e reorientou todos os trabalhos posteriores. A perspectiva do Círculo de Bakhtin será de propor um estudo da linguagem que vá além da linguística, sugerindo, desta forma, uma translinguística ou metalinguística.

<sup>6</sup> Faraco (2010) atribui a autoria de *Marxismo e filosofia da linguagem* a V. Volochínov. Apesar de concordarmos com os argumentos aduzidos por Faraco para defender a autoria de Volochínov, usamos neste artigo a versão em português que registra como (co)autores desta obra Bakhtin/Volochínov (2009).

pesquisa a observar esse fenômeno em suas diferentes manifestações. Fiorin (2006) acrescenta que “essa noção (o dialogismo) funda não só a concepção bakhtiniana de linguagem como é constitutiva de sua antropologia filosófica” (FIORIN, 2006, p.18).

É importante destacar que, no pensamento bakhtiniano, como as relações dialógicas são inerentes à linguagem, não podem estar restritas ao diálogo face a face, mas referem-se ao diálogo em sentido amplo e generalizado, isto é, a toda comunicação humana que possa ser verbalizada em diferentes tipos de signos a partir da interação social. Essa interação estreita, na verdade, configura-se somente como uma forma composicional na qual o dialogismo ocorre.

Conforme Fiorin (2006, p.19), “todos os enunciados, no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos”, do que se infere que todo e qualquer enunciado tem caráter dialógico, pois retoma elementos que já foram concretizados anteriormente e prepara os novos enunciados de uma nova situação sócio-histórica que surgirá na língua. Para a visão bakhtiniana, o dialogismo é, portanto, constitutivo da linguagem, porque, mesmo em práticas languageiras tendentes ao monologismo, pode-se perceber uma relação dialógica; desta forma, toda a linguagem esta impregnada do dialogismo.

Ainda sobre a ideia de haver um princípio dialógico que governa a linguagem, constituindo-a, convocamos o próprio Bakhtin (1993) para reiterar a ideia de que qualquer ato de linguagem, seja ele escrito, falado, hibridizado em linguagem verbo-visual, ou até mesmo esboçado na mente sob a forma de “pensamento”, configura-se como um elemento da comunicação verbal, uma vez que todo discurso tem como característica intrínseca a natureza dialógica.

Entender que a palavra é atravessada por diferentes discursos, nos quais ressoam as diferentes relações dialógicas com outros sujeitos e com outros discursos, é compreender que o discurso traz o outro em sua constituição. É este um dos princípios que norteiam o pensamento bakhtiniano, como também o fundamento de sua teoria dialógica, já que é da ordem de todo discurso a inscrição de um *eu* que não se constitui sozinho, mas por meio da palavra de outros enunciadorees.

Bakhtin/Volochínov (2009) esclarecem que todo discurso é dialógico e que o homem é um sujeito inexistente fora da relação com o outro, que se realiza por meio da linguagem. Eles asseveram que, na verdade, é da natureza dos sujeitos falantes permitir que o outro ocupe um lugar em nosso discurso, que fale em nossas palavras. Este outro é, no pensar de Bakhtin/Volochínov

(2009), uma dimensão constitutiva da linguagem, de modo que podemos inferir o caráter constitutivamente dialógico de todo e qualquer enunciado que produzimos. Noutro momento, o próprio Bakhtin (2010) reitera esta ideia: “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida [...]”. (BAKHTIN, 2010, p.348).

Da discussão feita nesta seção, entendemos, em síntese, que, embora o conceito de dialogismo não foi, de fato, inaugurado pelo Círculo de Bakhtin, mas influenciado por outros pensadores russos contemporâneos aos membros do Círculo, como Lev Iakubinskii, ou mesmo pelas ideias advindas do pensamento filosófico de Imanuel Kant e de Martin Buber. Nesse último caso, as ressonâncias desta tradição filosófica já se fizeram sentir nas primeiras publicações do Círculo, em que, como reforça Faraco (2010, p.23), existe uma preocupação com “a relação eu/outro e a dimensão axiológica”. É necessário destacar, entretanto, que é com o Círculo Bakhtiniano que a linguagem passa a ser pensada como um fenômeno constitutivamente dialógico, e que essa noção passa a ganhar força e notoriedade em seus estudos.

## **2 Dialogismo revelado: os fios dialógicos se mostrando na materialidade linguística, textual e discursiva**

É importante frisar que o dialogismo generalizado evidencia o princípio constitutivo da linguagem e se faz responsável pela construção de sentido no discurso, pois o enunciado, nascido a partir de suas condições contextuais de produção, bem como sociais do(s) interlocutor(es), tem seu significado produzido a partir da interação entre dois ou mais indivíduos. O princípio dialógico leva sempre em conta a existência (e, por que não dizer, a dependência) de uma alteridade, isto é, a influência contínua da palavra do outro na construção dos enunciados. Por outro lado, Bakhtin (2010) mostra a necessidade de olharmos analiticamente para o enunciado de forma concreta, pois “em qualquer enunciado, quando estudado *com mais profundidade*, em situações concretas da comunicação discursiva, descobriremos toda uma série de palavras do outro semilattes e latentes, de diferentes graus de alteridade” (BAKHTIN, 2010, p.299. Grifo nosso).

Dessa forma, o dialogismo, reiteramos, se mostra como um princípio constitutivo da linguagem, assegurando o aspecto onipresente da natureza interacional da linguagem. Entretanto, esse princípio – e é em razão mesmo do

seu estatuto de princípio - não se configura como uma categoria de análise. As relações dialógicas flagradas na materialidade do enunciado decorrentes desse princípio é que, de fato, constituem-se como elementos passíveis de análise, a exemplo das formas de transmissão da fala alheia como o discurso citado, categoria tão bem explorada em Bakhtin/Volochínov (2009), que nos servirá aqui de apoio para discutirmos sua importância na forma de o dialogismo se revelar no texto.

Brait (2005) parece ter percebido bem estas duas facetas do dialogismo na teoria bakhtiniana ao considerar que

[...] o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Por outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos (BRAIT, 2005, p.98).

Pelo excerto acima, notamos, pois, a possibilidade de se pensar num aspecto do dialogismo que “instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem” e noutro que aponta para as relações dialógicas concretamente instauradas “historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos”.

Bakhtin (1993) sugere que não analisemos o dialogismo, mas sim os “fios dialógicos vivos” do discurso:

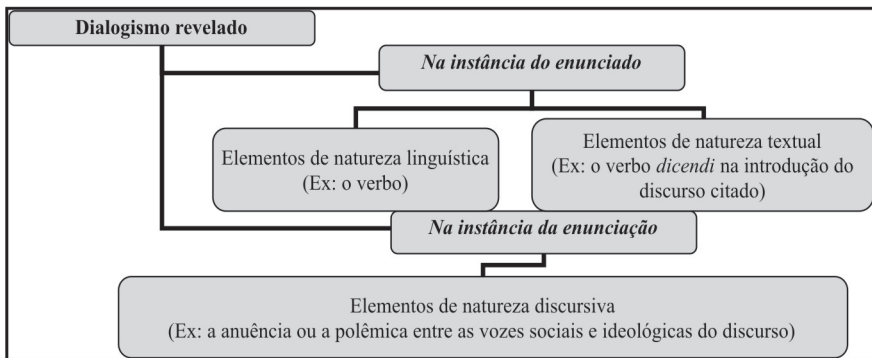
Um enunciado vivo, significativamente surgido em um momento histórico e em um meio social determinados, não pode deixar de se relacionar com *os milhares de fios dialógicos vivos*, tecidos pela consciência sócio-ideológica em torno de objeto de tal enunciado e de participar ativamente do diálogo social. De resto, é dele que o enunciado se origina: ele e como a sua continuação, sua réplica, ele não aborda o objeto chegando de não se sabe de onde (BAKHTIN, 1993, p.86, grifos nossos).

Importa dizer, usando como exemplo o recurso do uso da palavra de outrem, que este campo do mostrável, em que os fios dialógicos se explicitam, pode se dar em duas instâncias, as quais não devem ser desassociadas, mas



estritamente articuladas no momento da análise: primeiro, na instância do enunciado<sup>7</sup> (plano verbal – e, por que não dizer, também o plano visual), o qual, por sua vez, pode se desdobrar em elementos de natureza linguística, como as categorias sintático-léxico-gramaticais (o verbo, por exemplo), e em elementos de natureza textual, a exemplo dos recursos de organização interna do texto (o verbo *dicendi* na introdução do discurso citado); e segundo, na instância da enunciação (plano extraverbal), a que se chega pela observação de elementos de natureza discursiva que incidem, num movimento de fora para dentro, sobre o enunciado. Os elementos desta instância podem ser recuperados no contexto do tempo e do espaço do acontecimento social, histórico e ideológico que dão, assim, a constituição do sentido do enunciado (a anuência ou a polêmica entre as vozes sociais e ideológicas do discurso, por exemplo). De forma a visualizar com mais clareza a discussão acima, propomos o quadro abaixo:

**Quadro 1:** Instâncias enunciativas do dialogismo revelado



<sup>7</sup> A natureza do enunciado (e mesmo a da enunciação) é uma discussão que perpassa toda a obra do Círculo, recebendo nuanças diferentes no interior de cada uma delas, mas que, no conjunto da discussão, se complementam, ajudando-nos a construir este conceito. Tomando especificamente Bakhtin (2010), podemos afirmar que o enunciado, como unidade mínima da comunicação discursiva, se caracteriza por dialogicamente estar sempre articulado com outros enunciados que o antecedem e o sucedem; por possuir um sujeito que se posiciona ideologicamente; por ser produzido para alguém no qual provoca uma atitude responsiva; por, na enunciação, permitir que os sujeitos alternem seu lugar de fala; por ser, diferentemente da oração, que é uma unidade da língua e não discurso, único, e, por, esta razão, não pode ser repetido.

Diante disso, podemos assumir a posição de que o dialogismo revelado tanto pode se mostrar por meio de um fragmento localizável no enunciado concreto, a exemplo de categorias linguístico-textuais, como pode se mostrar também de maneira explícita, por meio de elementos discursivos no espaço da enunciação. O importante é compreender que, em ambos os casos, perceberemos o sentido sendo construído no movimento dialógico do discurso.

### 3 O dialogismo revelado na linguagem: o caso do discurso citado

É possível dizer, pela leitura das obras do Círculo Bakhtiniano, que o dialogismo pode se revelar de diferentes formas<sup>8</sup>. Para este trabalho, nosso interesse recairá em uma dessas formas, o discurso citado, talvez por considerarmos ser ele uma das maneiras de a dialogicidade se mostrar mais concretamente nos textos, pois é aí que encontramos as marcas explícitas da palavra de outrem revelada nos enunciados. Nesse sentido, apoiamos a ideia de Faraco (2010) que, a partir das reflexões de Bakhtin/Voloshinov, destaca a ideia de que o fenômeno linguístico concreto que mais se revela na superfície discursiva é o discurso citado.

Em termos conceituais, a noção de discurso citado corresponde às formas linguísticas de representação do discurso alheio, ou seja, a representação do discurso de um enunciador distinto daquele que é responsável pela enunciação do discurso. De acordo com Bakhtin/ Volochínov (2009), “o discurso citado é visto pelo falante como a enunciação de *outra* pessoa, completamente independente na origem, dotada de uma construção completa, e situada fora do contexto narrativo” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p.150. Grifo do autor). Portanto, para que possa ser compreendido o funcionamento da citação, faz-se necessário manter em mente a formulação do *discurso que cita* e do *discurso citado* de forma simultânea:

---

<sup>8</sup> Sem pretendermos neste curto espaço de uma nota discutir mais longamente outras formas de o dialogismo revelado se apresentar, até porque isto fugiria dos limites dos objetivos a que este artigo se propõe, podemos apenas mencionar dois outros casos deste tipo de dialogismo: a polifonia, pela qual é possível perceber, sobretudo no discurso romanesco, uma multiplicidade de vozes (a do autor e a das personagens) que apresentam uma certa simetria quanto à defesa de posições ideológicas dos sujeitos envolvidos na trama narrativa; e o pluringuismo, que se apresenta nos textos pelas diferentes linguagens e estilos, marcando, nas vozes sociais do discurso, posicionamentos convergentes e divergentes.

o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral de construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama linguística do contexto que o integrou (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p.150).

Outro fator sobre o qual os autores ponderam é o fato de que o narrador, pensado enquanto instância que detém o controle da organização dos enunciados citados, o faz levando em conta uma terceira pessoa que não o próprio enunciador do discurso citado, nem o enunciador que cita: é o receptor do enunciado no qual foi incluso o fragmento citado. Conforme afirma Ponzio (2008), essa concepção assegura que a relação básica entre interlocutores seja, portanto, triangular.

Naturalmente, há diferenças essenciais entre a recepção ativa da enunciação de outrem e sua transmissão no interior de um contexto. [...] Além disso, a transmissão leva em conta uma terceira pessoa - a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas. Essa orientação para uma terceira pessoa é de primordial importância: ela reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p.152).

É preciso salientar, para os objetivos deste trabalho que, ao propor uma interpretação do discurso de outrem baseado na identificação e análise da entonação discursiva avaliada pelos acentos valorativos presentes no texto, através dos esquemas de utilização do discurso citado (discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre), Bakhtin/Volochínov (2009) mostram-nos como este recurso pode constituir-se numa estratégia de representação da palavra alheia, e, portanto, numa importante ferramenta para a construção de sentidos do querer dizer do autor. Com isso, os autores contribuem para os estudos que analisam as relações dialógicas na constituição de enunciados concretos aplicados no seu uso real da linguagem.

Notamos assim que o discurso citado, nesta perspectiva, acentua uma dimensão do dialogismo que enxerga o enunciado/a enunciação como um campo de manifestação das relações dialógicas, as quais devem ser imprescindíveis na análise dos discursos, pois, neste caso, levar-se-ão em conta as condições concretas da vida dos textos e a sua relação alteritária e responsiva com textos

que o antecederam e outros que o sucederão na cadeia sócio histórica da linguagem.

#### **4 Como o constitutivo se explicita na linguagem: uma breve análise de como o discurso citado se revela como uma forma concreta do dialogismo no texto**

A título de exemplo, nesta seção, trazemos para análise uma reportagem veiculada pelo portal *online* G1, intitulada “Justiça determina suspensão de greve dos professores do Ceará”, que noticia a determinação da ilegalidade da categoria e a sua consequente punição, caso a greve se mantivesse, a fim de mostrarmos como o recurso do discurso citado – usaremos, para isso, mormente a discussão feita por Bakhtin e Volochínov (2009) na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* - pode ser uma forma concreta de o dialogismo se presentificar num texto.

Passemos agora ao texto de análise. De início, é preciso dizer, para fins de contextualização histórico-social, que o texto escolhido é uma reportagem sobre o movimento grevista protagonizado pelos professores da rede estadual de ensino do Ceará no ano de 2011, que reclamavam por melhores salários e melhores condições de trabalho.

##### **Justiça determina suspensão de greve dos professores do Ceará**

*Professores têm até 48 horas para retornarem às salas de aula. Pena para o descumprimento da liminar é de R\$ 10 mil por dia.*

O Tribunal de Justiça do Ceará (TJ-CE), por meio do desembargador Emanuel Leite Albuquerque, determinou em liminar a suspensão da greve dos professores da rede estadual de ensino. A categoria deve retornar às atividades em até 48 horas sob pena de pagar multa de R\$ 10 mil por cada dia de descumprimento, segundo a decisão do desembargador, publicada na sexta-feira (26). Os professores estavam em greve desde o dia 5 de agosto.

No último dia 19 de agosto, o Governo do Estado do Ceará entrou com ação contra o sindicato dos professores do Ceará (Apeoc), pedindo que fosse declarada a ilegalidade ou a suspensão da greve. O Executivo estadual defendeu que o Sindicato teria descumprido dispositivos da lei de greve.

O Estado alegou ainda que as discussões em torno do reajuste dos professores não foram encerradas e alguns pontos apresentados como reivindicação não atendida pelo Estado do Ceará não foram apresentados na mesa negociação.

Ao analisar a ação, o desembargador Emanuel Leite Albuquerque levou em consideração os prejuízos causados à prestação do serviço público e ao rendimento escolar de milhares de jovens, segundo o TJ-CE. O desembargador também afirma em sua decisão que a greve “põe em risco a saúde e sobrevivência dos estudantes”, argumentando que esses jovens dependem das refeições escolares “para suas nutrições”.

### **Reivindicações**

O sindicato questiona além do cumprimento da Lei Federal do Piso, o plano de cargos e carreiras dos professores. Os professores alegam que não basta aplicar o piso como vencimento inicial, mas defendem que tal aplicação signifique ganho remuneratório para todos os integrantes da carreira, sejam professores de nível médio, graduados e professores pós-graduados.

<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2011/08/justica-determina-suspensao-de-greve-dos-professores-do-ceara.html>

Acesso em 29/08/2011 17h15; atualizado em 29/08/2011 17h35.

Se olharmos para esta reportagem sob a perspectiva do que aqui estamos chamando de dialogismo generalizado, poderíamos dizer que o dialogismo, como princípio de constituição da linguagem, toma conta de todo o texto em questão; é, na verdade, sua condição de existência. De maneira generalizada, a dialogicidade se estabelece no texto que ora analisamos, o que valeria, de certa forma, para todo e qualquer texto, da seguinte maneira: a) pelo diálogo responsivo que firma com outros textos que lhe antecederam e abre brechas para outros futuros textos que lhe ressignificarão; b) pelo diálogo com outros gêneros que, com a reportagem – gênero em que foi escrito o texto em análise –, guarda estreitas afinidades (a notícia, por exemplo); c) bem como pelo diálogo que trava com todo o contexto sócio-histórico que está no entorno da reportagem, contribuindo para dar-lhe sentido.

Entretanto, este princípio geral da dialogia conclui sua função servindo como ponto de partida para a análise, já que o analista não pode circunscrever a sua tarefa analítica à premissa básica do dialogismo generalizado que sustenta a ideia de que as relações dialógicas são o fenômeno essencial para a constituição de todo e qualquer texto ou discurso. O dialogismo agora deve ganhar especificidade na materialidade da cadeia discursiva e mostrar-se concretamente ao analista, passando, assim, para outro campo da existência, o da explicitude.

Avançamos na análise e flagramos na materialidade do texto as marcas deixadas pelo dialogismo generalizado, marcas às quais nos apegamos para proceder ao exercício analítico. A partir, então, da leitura da reportagem, observamos que, apesar de aparentemente haver um enunciado produzido somente pelo repórter responsável pela matéria, é possível identificar a presença de outras vozes além da do repórter. Bakhtin/Volochínov (2009) asseveram, a este respeito, que, no ato da utilização da palavra de outrem, a palavra que cita pode ou não ressignificar a palavra citada, sem que, com isso, apague a sua origem. Para esses autores, por mais que se tente apagar a origem do discurso de outrem, ele reaparece, ainda que sob a forma de estranhamento - ou de “ruído” - na harmonia do texto, o que comprova a existência de diversas vozes que se entrelaçam nos fios dialógicos presentes no enunciado.

Podemos, assim, perceber o dialogismo se revelando nos fios do discurso da reportagem por meio do recurso da citação da palavra outra. A presença do discurso citado pode ser identificada na superfície textual e discursiva pelo embate das múltiplas vozes dentro do gênero reportagem, tais como a do discurso do repórter, o discurso dos professores, o discurso do Tribunal de Justiça, o discurso do Governo do Estado do Ceará entre outros, o que, conforme Brait (2003), respalda o pensamento bakhtiniano de que:

[...] tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala (BRAIT, 2003, p.14).

Pelo título da reportagem, podemos notar que o produtor do texto utiliza o verbo *dicendi* “determinar” para introduzir a voz do Tribunal de Justiça do Ceará (TJ-CE), representada pelo desembargador Emanuel Leite Albuquerque. O uso do verbo na manchete da reportagem indica que a decisão pela ilegalidade (e, por que não dizer, criminalidade) da greve está instituída, não havendo,

assim, margem para contestação da classe dos professores. Dessa forma, nesse jogo de poder criado pelo texto, o efeito de sentido gerado é o de convocar uma voz, a da autoridade, para abafar as demais vozes – e estas sendo representadas pelo que Bakhtin/Volochínov (2009) chamam de a *voz da ideologia dominada*.

No primeiro parágrafo, é afirmado que o desembargador Emanuel Leite Albuquerque considerou ilegal a greve deflagrada pelos professores da rede pública estadual de ensino. Além disso, estipulou uma multa de 10 mil reais para cada dia de não cumprimento da lei. Ao proferir termos como “liminar”, “suspensão”, “pena”, “multa” e “descumprimento”, o produtor do texto, representando a voz do desembargador, corrobora com a tentativa do Estado de criminalizar o movimento grevista.

O Estado, ao entrar com uma ação contra o Sindicato dos Professores e Servidores no Estado do Ceará (Apeoc), pretende legitimar o seu discurso, uma vez que o Tribunal de Justiça do Estado representa o discurso jurídico, ou seja, um discurso ao qual não caberia teoricamente, em princípio, qualquer contestação. Esse fenômeno pode ser visto no segundo parágrafo da reportagem. É importante destacar que, ao optar pela expressão “O Executivo estadual” ao invés do nome do desembargador, o repórter busca investir de poder incontestável ainda maior o discurso de Emanuel Leite Albuquerque.

No quarto parágrafo, podemos notar outro indicio do dialogismo revelado para a representação da voz de outrem: o discurso direto demarcado por aspas. Na ocasião, o repórter, primeiramente, utiliza o verbo *dicendi* “afirmar” para introduzir o discurso do desembargador. Dessa forma, intenciona afastar-se do discurso por ele representado e de suas possíveis repercussões, como se, pelo estilo linear, sua voz entrasse no texto desprovido de acentos valorativos bem demarcados. Entretanto, ao utilizar essa estratégia de citação, o autor, contraditoriamente, aproxima-se do discurso citado ao tecer suas réplicas por meio do estilo pictórico, orientação para a citação da palavra outra que elabora meios para adentrar na palavra citada, apagando ou, pelo menos, atenuando as fronteiras que delimitam os dois discursos, através do uso das aspas. Essa “coloração” dada ao discurso citado é possível em decorrência do “apagamento” das fronteiras existentes entre os discursos do autor do texto e da integrante do movimento grevista, o que configura, portanto, a presença do *estilo pictórico* nessa variante de citação. Assim, ele explicita o diálogo do outro, gerando o efeito de sentido de que o repórter se isenta de qualquer responsabilidade pelo texto, já que quem afirmou foi o representante do Estado. Sobre este fenômeno, Bakhtin/Volochínov asseveram que:

A língua elabora meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem. O contexto narrativo esforça-se por desfazer a estrutura compacta e fechada do discurso citado, por absorvê-lo e apagar as suas fronteiras. Podemos chamar esse estilo de transmissão do discurso de outrem o *estilo pictórico*. Sua tendência é atenuar os contornos exteriores nítidos da palavra de outrem (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2009, p. 156. Grifos dos autores).

É válido frisar também que, ao retirar o enunciado proferido pelo desembargador de seu contexto real de enunciação, o repórter manipula o sentido da informação, pois esta é inserida em um novo contexto, por ele formulado, dando ao discurso de Emanuel Leite um novo sentido. No trecho em questão, as palavras proferidas pelo desembargador e representadas pelo produtor do texto dão a entender que é dever do professor garantir a saúde e a sobrevivência dos estudantes, colocando os últimos, dessa maneira, como vítimas do movimento grevista. Sobre essa estratégia de citação, Benites esclarece que:

Nem sempre o jornalista deseja mascarar seu ponto de vista. Há situações em que ele deseja, efetivamente, trazer à evidência sua postura ante os discursos que relata, enfatizando explicitamente a opinião. Ao citar, nesse tipo de texto, o locutor não sintetiza ou transcreve as afirmações de outrem, simplesmente, mas comenta-as, analisa-as, avalia-as e lhes acrescenta detalhes que podem não ter chegado ao público. Transmite, ao fazê-lo, uma sensação de profundo conhecimento das personagens citadas e das causas e consequências dos fatos. Evidencia-se, em tais casos, o estilo pictórico de se citar, de que trata Bakhtin (BENITES, 2002, p.127).

Ao final da reportagem, é informado o posicionamento ideológico do sindicato quanto à greve. No último parágrafo, vemos o repórter dizer quais são as principais reivindicações da classe. Entretanto, não fica claro o ponto de vista da categoria frente à decisão do Executivo. Na verdade, percebemos que a reportagem, na sua maior parte, detém-se a destacar a ação do Estado, em parceria com o Poder Judiciário, em prol da suspensão da greve e de sua consequente punição. A voz do sindicato, por outro lado, não se apoia em nenhuma outra voz de autoridade que venha a legitimar o seu discurso, o que favorece o seu emudecimento frente à voz dominante e hegemônica do Estado.



## Considerações finais

O ponto central em que se alicerça todo o pensamento bakhtiniano é a ideia do dialogismo, ideia que sustenta o princípio geral de que toda nossa relação com o outro na interação é marcada pela negociação e, sobretudo, pela disputa entre a palavra de um e a de outrem, à semelhança de uma arena de lutas, momento em que os sentidos na enunciação vão sendo (co)construídos discursivamente.

Este dialogismo amplo e generalizado, entretanto, não pode ser considerado uma categoria analítica produtiva por si só, uma vez que entra na análise como um pressuposto teórico de base. Para deixar a análise mais operacional, deve-se recorrer ao dialogismo revelado, que deixa marcas explícitas na superfície textual, como, por exemplo, o discurso citado. Dessa forma, ao analisar dialogicamente textos inscritos nos mais diversos gêneros do discurso, o analista deve ter em vista, sobretudo, as relações dialógicas que se entremeiam nos fios discursivos do enunciado, no qual observará os sujeitos do discurso imprimindo posições valorativas e axiológicas aos sentidos do seu dizer.

São, portanto, essas relações dialógicas concretamente explicitadas no texto que devem possibilitar ao analista identificar a existência de dois ou mais discursos em um único discurso, o que pode se dar por meio de análises sintático-lexicais, ajustadas e complementadas por uma análise que mostre os efeitos de sentido deste material linguístico na emergência de vozes que, nos textos, travam entre si relações de convergência e divergência, possibilitando a apreensão da constituição do discurso um em função do discurso outro.

Em suma, mostramos, por meio de uma breve análise, o funcionamento semântico do discurso citado numa reportagem sobre o movimento grevista dos professores do Estado do Ceará, a fim de corroborar e destacar, fundamentados na visão bakhtiniana, a ideia defendida ao longo deste trabalho. Em primeiro lugar, quisemos expor a ideia de que o dialogismo generalizado assume, na análise de textos e discursos, a função de pressuposto básico que fundamenta o pensamento de que a linguagem é constitutivamente dialógica e dialogizante. Em segundo lugar, procuramos sustentar a ideia de que é o dialogismo revelado que se constitui de fato em material concreto e rentável para o analista, pois é nesse material que o dialogismo se mostra nos diversos fios dialógicos e ideológicos da tessitura do texto por meio de vários índices linguísticos, textuais e discursivos, gerando diversos efeitos de sentido.

## Referências

- BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 13. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo, SP: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, M. O Discurso no Romance. In: \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 3. ed. São Paulo, SP: Editora Hucitec, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2010.
- BENITES, S. A. L. *Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico*. São Paulo, SP: Arte & Ciência, 2002.
- BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo, SP: Edusp, 1994. p.11-27.
- \_\_\_\_\_. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas, SP: UNICAMP, 2005. p.87-98.
- \_\_\_\_\_. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo, SP: Contexto, 2006. p. 9-31.
- CASTRO, M. L. A dialogia e os efeitos de sentido irônicos. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 2005. p.119-128.
- CUNHA, D. A. C. Dialogismo em Bakhtin e Iakubinskii. *Revista Investigações: linguística e teoria literária*, Recife, v. 18, n. 2, p.103-114, jul. 2005.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas o Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2010.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo, SP: Ática, 2006.
- GREGOLIN, M. do R. Bakhtin, Foucault, Pêcheux. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo, SP: Contexto: 2010. p. 33-52.
- LÄHTEENMAKI, M. A estratificação social da linguagem no “discurso sobre o romance”: o contexto soviético oculto. In: ZANDWAIS, A. (Org.). *Mikhail Bakhtin: contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2005. p.41-58.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Tradução de Valdemir Miotello. São Paulo, SP: Contexto, 2008.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

**Data da submissão:** 28/08/2015

**Data do aceite:** 01/10/2015